

ASSIGNATURAS

Corte, anno..... 10\$000
 Semestre..... 5\$500
 Trimestre..... 3\$000
 Mez..... 1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS

Provincias, anno. 12\$000
 Semestre..... 7\$000
 Trimestre..... 4\$000
 Mez..... 1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO
 Dedicado ás Moças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, D. Alice Clapp, Dr. Mello Moraes Filho, Dr. Walduroff, M. J. F. Guimarães, M. F. Machado, F. A. Costa, etc.

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1880 N. 13

Feliz captiveiro

Ha uns olhos que eu conheço,
 Ai, meu Deus, que tentação!
 E' fitar n'elles a vista
 E tremer-me o coração!

O que tens, meu coração?
 Sê sensato, sê prudente!
 Uns olhinhos como aquelles
 Enganam a tanta gente!

Sabe Deus quantos captivos
 Aquelles olhos têm feito!
 Tu vês o abysmo a teus pés
 E corres tão satisfeito?

Tens razão, meu coração!
 Ao ideal da belleza
 Render preito, vassallagem,
 Não é desar, é nobrezá.

Oh, que fatal confissão!
 Pretendi mostrar-me forte,
 Mas lembrei-me dos teus olhos
 Da razão perdi o norte!

Eia, pois, sou teu captivo,
 E bemdigo o captiveiro,
 Que me faz d'entre os viventes
 Ser na ventura—o primeiro.

NESSUNO.

O olhar da mulher

O olhar da mulher morena e pura
 E' um raio de sol no ar perdido,
 Um canto de saudade enternecido,
 Um—sim—pronunciado com ternura!

O olhar da mulher é meigo pranto
 Que em horas de prazer dos olhos cai,
 De planta gemedora tenue ai,
 Do sabiá á tarde o terno canto.

O olhar da mulher é linda fonte
 A cahir em um lago—todo anil,
 Um futuro de sonhos aureos mil
 Reflectindo-se em limpido horizonte!

O olhar da mulher é linda flor
 Que se abre ao rocio da manhã
 Nuvensinha travessa e mui louçã
 Que no céu estremece multicôr.

O olhar da mulher que nos adora
 E' santo elixir p'ra dores d'alma,
 E consòlo que as dores nos acalma;
 A senda da existencia nos enflora!

A. O.

As lagrimas

A lagrima de Democrito me inspira mais que o sorriso de Diogenes.

Uma—é vertida sobre as desgraças da humanidade, outro é um signal de despreso por tudo o que ha no mundo, n'esse theatro illusorio da vida, onde, rapidamente, assim como apparecem, desaparecem as personagens.

Diogenes, o cynico, escarnecia de tudo; ao passo que Democrito mais humanitario e sensivel de coração, de nenhuma cousa zombava, e, commovido antes pelo espectáculo sinistro de todas as miserias humanas, appellava para as lagrimas.

Ellas são o symbolo da ternura, como muita vez o riso o é da ironia...

O filho que aperta entre seus braços a mãe desvelada e extremosa, a quem o destino o arrebatou para longinquas paragens, recebendo a benção materna e compungido por esse acto assaz tocante, o da separação da familia, com a voz entrecortada de soluços, retira-se do tecto amado e... chora!

Bemaventurados os que choram! sublime expressão biblica! elevado pensamento, que só poderia germinar no cerebro do Nazareno, aquelle que, sacrificando-se pela causa da humanidade, exhalou o ultimo suspiro n'uma cruz, tendo ao pé de si seu Discipulo e sua Mãe, em cujas faces tiveram ellas o realce o mais divino, tornando-se desde então a lagrima essa gota abençoada da agonia, com que nos brindou Maria, no auge de suas dores.

Estou convencido de que digo.

Ha nas lagrimas um quer que seja que eu mais amo, que ainda mesmo no mais radiante sorriso; quando elle, porém, se

mistura com o sympatico e risonho abrir dos labios, então é mais suave e mais galante.

E' como os verdes prados de nossa terra, que nos offerece á vista o alegre quadro das orvalhadas boninas.

Espreitai o que se passa no seio d'aquelle ameno recinto: o esposo ausente chega de surpresa ao lar domestico, entra nas azas da mais prazenteira alegria; corre ao seu encontro a esposa que o reconhece pelo tropel das pizadas, cahem nos braços um do outro, e, em meio do incomparavel jubilo de sua alma, desfiam-se as lagrimas da ternura, como o mais bello complemento de tantos dias curtidos na ausencia e na saudade.

Olhai agora para aquelle campo estivado de searas: lá alveja entre a folhagem a mais humilde casinha, cresce o musgo em roda e a hera e a trepadeira prestam-se deliciosamente aos castellos dos passarinhos e ao pouso amavel das borboletas.

Acolá vive um africano... doía-me dizer que o pobre ainda tinha a condição do escravo, si *por morte do senhor* não ficasse inteiramente liberto; pois bem! é a hora do crepusculo, quando a terra mais inspira e paira sobre nossa alma uma sombra de tristeza.

Um não sei que aperta o coração do misero africano.

Elle chora.

A viola entristecida vai saudosamente acompanhando a sua elegiaca entoada e as primeiras estrellinhas despontando no firmamento, como uma multidão de lagrimas que rolassem dos olhos mysticos dos anjos.

Emblema do arrependimento, desce a lagrima pelas faces encantadoras da Magdalena, traçando aquelle admiravel parallelo entre o céu e a terra; porque, se-

gundo o rei psalmista : Deus não despreza um coração constricto e humilhado.

Ella é o unico presente do orphão e da viuva, entregues a sua sina, sem mais protecção que ella perante a misericordia infinita do grande Deus.

O que chora hypocritamente, poderá deitar tudo pelos olhos, menos a lagrima; em olhos taes ella seria estanque, não manaria como a fonte do deserto ou si cahisse...

Porventura perde alguma cousa de sua pureza e brilhantismo o raio de luz quando atravessando o mais infecto palude?

A lagrima do hypocrita, a lagrima do crocodilo, como lhe chamam, é um laço armado á compaixão genuina da parte a mais sã da humanidade.

Oh! diante d'essa lagrima tremeria indignado o Nazareno, verberaria o raio de sua colera sobre os falsarios do mundo, que deturpam uma joia tão bella, seria a vez dos mercadores no templo; mais audaz e decisivo sobre elles recahiria o seu anathema tremendo...

O que chora para illudir, para conseguir seus fins illicitos, este é um monstro, não é uma creatura humana.

A lagrima fingida, a que nasce do torpe constrangimento, será qualquer gota de veneno; mas não a lagrima verdadeira, como ha aguas salgadas, pluviaes, dos rios, corregos e ribeiros.

Não confundamos a perola que rolou do seio de Maria com esta outra falsa, que poliu sorrindo a malicia, capaz de tudo — do genio de Satan.

Do contrario volva ella, como a chuva pelos raios solares evaporisada, para o seio da verdade.

Mas antes de transformar-se em branco

nimbo celeste, que róle dos olhos de minha mãe, na extrema do triste valle, onde a mão fatidica do destino ha-de um dia cavar-me a sepultura; que eu sinta a frescura d'essas lagrimas no momento em que o sol baixar na linha do horizonte, vaga melancholia envolver a terra e as estrellas debruçadas nas margens do infinito salpicarem de tristeza a pedra do meu ultimo repouso.

SYMPHRONIO CARDOSO



Serões da Provincia

POR

JULIO DINIZ

—

AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

A' noite todos na aldeia sabiam do occorrido, e cada qual commentava a seu modo a criancice de Thomaz, como elles diziam, e a leviandade da mãe. Outros viam na resolução de D. Margarida, em mandar viajar o filho, um meio de desfazer as difficuldades; porque era impossivel que esta paixão despropositada, pensavam elles, resistisse a uma ausencia de annos.

De mim não sei que disseram, mas é de crêr, attendendo a que os propaladores dos boatos eram os tres meus affeioados, que não fosse muito christãmente tratado.

Ficando sós, a mãe, o filho e eu, não rompemos o silencio, que se manteve durante horas; todos talvez pensando no occorrido, e todos á porfia evitando a menor allusão que podesse recordal-o.

Thomaz despediu-se ás nove horas da mãe, que o beijou com o affecto costumado. Dispunha-me tambem a deixar a sala, quando um signal da senhora de Entre-arroios me obrigou a ficar.

Tudo revelava n'ella uma serenidade de espirito que me fazia scismar. Depois de assegurar-se de que ninguem escutava D. Margarida sentou-se junto de mim e perguntou-me :

— Então que lhe parece tudo isto ?

— Para lhe fallar a verdade, minha senhora, com quanto receie que este acontecimento seja talvez funesto ao futuro de seu filho, não posso deixar de admirar-lhe a nobreza de carácter.

— Está como eu. Póde crê-lo ? Isto que a outra mãe traria a desesperação talvez, quasi que me dá jubilo. Comtudo reconheço que é um passo grave, e preciso impedir que tenha graves consequencias.

— Eu julgo ter comprehendido os projectos de V. Ex.

— Talvez não; — disse ella, quasi sorrindo.

— Uma ausencia demorada amortece certos sentimentos, e faz esquecer promessas que em um momento de exaltação...

— Não o espero, e se por acaso meu filho se esquecesse, cumpriria a mim lembrar-lh'o; e eu lh'o lembraria, acredite. Se foi loucura, tanto peor, que tem de ser escravo d'ella.

— Mas Paulina mesma, talvez...

— Esquecer Thomaz !

Havia tanta candura n'este brado de vaidade maternal, que não tive coração para continuar a exprimir-lhe as minhas duvidas.

— Não, não; o meu designio é outro— continuou ella—mas por enquanto é secreto. O que lhe peço é que use de toda a sua influencia com Thomaz para o decidir a partir para o estrangeiro. Que vá estudar a França, á Inglaterra, á Allemanha, onde quizer e o que quizer, mas que

saia do reino e se demore por fóra. Quatro, cinco a seis annos. E' essencial.

— Não posso comprehender com que vistas...

— E' o meu segredo—disse ella sorrindo.—Promette ?

— Tudo quanto desejar, minha senhora. Reconheço em V.Ex. uma superioridade...

— Nada de lisonjas, se não quer perder a minha confiança.

— V. Ex. deve ter notado que é a primeira vez que lhe fallo assim; é porque ha pouco ainda principiei a comprehendel-a e a admiral-a.

— Bem; façamos alliança. Mas, antes, quero perguntar-lhe uma cousa: que me diga o que lhe parece mais para receiar n'esta resolução de Thomaz ?

— Receio que aquella paixão seja n'elle uma das muitas illusões de uma idade tão tenra como a sua; e que cedo...

A senhora de Entre-arroios interrompeu-me com um gesto de impaciencia e negação.

(Continúa)



Na typographia

Vem cá, meu compositor.

Dê-me algumas consoantes,

Quero fazer uns versinhos

A' mais bella das amantes.

Hei de pôr a mocetona

De todas mais muito acima;

Atenção, compositor,

Não me falte uma só rima.

Vou começar pela voz:

A sua voz me parece...

(Comparação já sedição,)

Mas enfim, traga-me um s.

*Sonoro som d'uma flauta
E' sua voz já se vê;
Vamos acs olhos agora,
Dê-me depressa algum c,*

*Cereno... agora reparo,
Vê malvado, o que querias;
Quando jorra a inspiração,
Esqueço etymologias.*

*E' um s o que preciso,
Tu devias emendar;
Ora pois vamos ao verso:
Seren o seu bello olhar....*

*O seu olhar tão brilhante
Me fascina qual jacá-
Passa o ré para outra linha
E venha agora um h*

*Hontem, quando ella sorrio-se
Com seus labios de rubi,
Mostrou-me os dentes pequenos...
Compositor, dá-me um i*

*Indo hoje tomâr o bond,
Ao subir... mas não, não conto,
Paro ahi, não digo o resto,
Compositor, traz-me um ponto.*

*A minha linda mocinha
Veste á moda de Paris;
E seu corpo é tão formoso...
Agora preciso um x*

*X. P. T. O. tentador;
O collo é niveo de crême...
Não fallei inda em mimoso,
Não sei si peça-te um m.*

*Quando seus negros cabellos
Vôam da brisa á mercê,
Tambem minh'alma, coitada...
Empresta-me agora um p.*

*Pelos fios envolvida. .
Corre, homem, traz-me um v
Vôa contente p'ra os ceus...
Que vagaroso é você!*

*Negou-me um beijo outro dia,
Mas vista a minha exigencia...
Depois pedio-me segredo.
Compositor, reticencia.*

*Oh! que pena, já são horas
De tratar dos affazeres,
Compositor d'uma figa,
Grande desmancha-prazeres.*

*Tu tão molle, emquanto eu
Estava mesmo uma brasa,
Hei de pedir ao patrão
Que te despeça da casa.*

*Fazer-me perder agora
Este grande molleirão
De compor uns bons versinhos
Esta bella occasião!..*

S. JUNIOR.



Por causa d'um primo

(SCENA DE CIUMES)

X

Voltemos á rua do Cattete.

As moças, vendo que sua avó se dispunha a sahir, levando consigo as cartas do primo, sagrado penhor de seus carissimos affectos, obstaram a essa especie de sacrilegio, e tomaram precipitadamente das mãos de D. Maria das Dores a estimada correspondencia, que iria informal-a dos seus amores clandestinos.

A boa senhora rendeu-se sem difficuldade,

não oppondo a menor resistencia a tão repentino assalto.

Entendeu que seria melhor contemporizar ainda uma vez, para não causar desprazer a essas meninas, por cujo bem-estar faria sacrificios, e deixou que ellas levassem essas cartas que, mais tarde, haviam de originar o mais sério conflicto.

Não era simplesmente por curiosidade que ella tentara saber dos segredos de suas netas; em seu intimo existia o designio de obviar a que tomasse proporções maiores a desaffeição que lhes notara e que via desenvolver-se com prodigiosa actividade.

Entretanto, a sua deliberação não foi bem succedida; se o contrario acontecera, ella, sciente das causas da discordia, saberia, com seus prudentes conselhos e com a calma que a distinguia, restabelecer a quietação do lar, nunca até alli perturbada.

Assim, que fazer? Interrogal-as sobre a procedencia d'essas missivas?

Obrigal-as a revelarem-lhe um mysterio que ellas queriam occultar?

D. Maria das Dôres tinha visto o retrato de seu neto na gaveta de Isabel; portanto, a suspeita de que entre elles existiam relações intimas não tardou em apparecer-lhe.

Isto, quanto a Isabel. E quanto a Olympia?

A immobildade em que ficaram as duas moças, quasi petrificadas de espanto, porque suppunham ter sua avó conhecimento de tudo, e os olhares perscrutadores que se lançavam, não eram de muito bom agouro.

Havia de parte a parte a desconfiança de um ardil, tramado com o fim de descobrir-se se era ou não verdade corresponder-se o primo com ambas.

Nas feições vivamente alteradas, divisa-

va-se o que ia no coração das duas irmãs, que talvez jámais pulsasse com tanta agitação.

Era o sentimento do odio que ahi se implantava, hediondo verme que começava a desordenar a pureza d'aquellas almas candidas, empanando-lhes o brilho e envenenando essas existencias ainda ha pouco desabrochadas.

Com a perspicacia de que era dotada, não passaram despercebidas a D. Maria das Dôres as contracções de despeito que notára em suas netas, e, toda bondade e amor, affagando-lhes o rosto, perguntou:

— As meninas ainda estão zangadas?

Um sorriso contrafeito assomou aos labios das moças.

— Não serei eu digna de saber o motivo de vossa tristeza? Ou já não tendes confiança em vossa avó?

— Não, não! exclamaram ellas baixando os olhos.

— Então, porque não desafogaes comigo as magoas que vos opprimem? Não estiveram sempre os meus braços abertos para acolher-vos, dando vos agasalho á dôr, conforto ao pranto? Vamos. Sêde minhas amigas; consolai a esta pobre velha os poucos dias que lhe restam de vida, mostrando-vos alegres, como fostes, travessas, inquietas; porque eu amo o vosso contentamento e sinto-me reviver com a vossa felicidade.

As ultimas palavras quasi as pronunciou a custo, tal era a commoção que d'ella se apoderou.

As duas irmãs comprehenderam a dôr da pobre senhora e olharam-se expressivamente.

Era uma interrogação muda que se fa-

ziam sobre a desculpa que haviam de dar a sua avó a respeito do que se passava.

Urgia, pois, acalmar aquelle espirito sobresaltado pela mais cruel incerteza.

Isabel, a mais moça, mais resoluta do que Olympia, e digamos ainda, excedendo-a em franqueza e lealdade, decidiu-se a fazel-o.

Tomou da mão de sua avó, beijou-a fervorosamente e disse:

— Eu sei que a avósinha soffre muito por nossa causa. Não lhe merecemos tanta dedicação, nós tão ingratas, que não sabemos medir o alcance do amor que nos consagra. Eu, porém, quero dizer-lhe a verdade, agora que a avósinha descobriu que tínhamos segredos que não lhe havíamos ainda revelado. Perdõe-nos a reserva; mas ha coisas...

Isabel tornou-se rubra e não continuou.

— Sim, minha filha, atalhou a avó, ha coisas que se escondem aos estranhos, mas não a mim. Eu sei quanto é susceptivel a vossa idade d'esses segredos, e o receio que ha em divulgá-los, pelo egoismo que se apodera... Emfim, diz tu, minha neta, diz tu. Antes, porém, vamos d'aqui, passemos a outra sala, que lá estaremos melhor.

Avó e netas, havendo-se dirigido para a sala indicada, sentaram-se todas tres n'um sophá, conservando-se Olympia um tanto affastada, attentando com curiosidade na irmã, e com certa desconfiança.

— Podes continuar, Isabel; que eu ouvirei com a maior attenção o que disseres, para vêr se posso fazer voltar as coisas ao seu estado primitivo.

— Não-de voltar, minha avó. O que vou dizer não encerra tanta gravidade de modo

a declararmos guerra uma á outra. Tenho apenas uma suspeita...

— De mim? — interrompeu Olympia. Também a tenho da senhora.

— Vamos, meninas, deixem de recriminar-se. Isso é feio com duas irmãs que se amam. Se ainda são minhas amiguinhas, acabem com isto de uma vez.

Passou-se um instante de ininterrompido silencio, quando repentinamente se ouve um grito pungitivo, acompanhado da seguinte exclamação:

— Trahida!

Olympia reparara nas cartas que conservava na mão, e vira o retrato do primo, que tinha o seguinte, escripto no verso:

« A minha amada prima Isabel

ANTONIO DE CASTRO. »

Na precipitação com que haviam tomado as cartas da mão de sua avó tudo se havia baralhado.

Fatalidade!

F. ARTHUR COSTA.

(Continua).



MOSAICO

O sapo e a moça

Um atrevido sapo solteirão
Pandego, travesso, jubilado,
Foi instalar-se perto de um ribeiro
Que serpeava esmeraldino prado.

Festões de madre-silva enlaçavam
Aqui... além a orla do caminho;
Flores agrestes de diversas côres
Bordavam o contorno de seu ninho.

A aura matutina perpassava
Eivada de perfume inebriante,
Proporcioneando magico ambiente,
Casando ao puro ar o odor constante.

Em cerulea manhã de rubra aurora
Tremulava na relva o orvalho brando,
Plumeos cantores, gorgendo enlevos
Saltitavam dispersos de seu bando.

A' vista do painel encantador,
O sapo embriagado de prazer,
Impavido assistia de seu lar
Ao sublime esplendor do amanhecer.

Eis senão quando, em busca do regato
Feiticeira donzella elle divisa,
Traz á cabeça gracioso cantaro
E qual perdiz fugaz no chão deslisa.

Parando alfim, colheu da branca lympha
O conforto da sêde, e descuidada
Mostra em relêvo avelludada perna
Com primor elegante esculpturada.

Ferido o sapo ao malinal encontro,
Vibrando-se em sua alma as cordas ternas;
Geme confuso, tetrico, em delirio:
Meu Deus ! meu Deus ! que graciosas pernas ! !...

Como treme a sensitiva
Retrahida á viração,
Assim a virgem perplexa
Comprimiu o coração.

Mal se detendo assustada,
Rosea de casto pudor,
Com furtivo olhar procura
O seu interlocutor.

Não longe lobriga o sapo
Seu singular cortezão;
Tenta pagar-lhe a fineza,
Olha-o com toda a attenção.

Naquelle bicho nojento
Sómente o feio primava;
Era o requinte do feio,
Tão feio que horrorisava.

Corcunda, tosco, exquisito,
Immundo, informe, asqueroso...
Mas contrahida uma divida
O pagamento é forçoso...

E simulando esquecer
Aquella má impressão,
Concentrou-se pensativa
No altar da gratidão.

São faceiros os teus olhos...
Exclama a virgem corando,
São astros encandecidos,
Quem os vê morre scismando.

Acredito... acode o sapo,
Mas não sei o que lhe diga...
Preste a menina attenção,
Repare nesta barriga ! !...

Attenda que gentileza,
Lhe dá a fôrma rotunda,
Sempre esticada e luzente
Como o couro de um zabumba ! !...

Confronte parte por parte...
Perscrute com minudencia,
Que por fim ha-de julgar-me
Um sapo de fina essencia....

E unindo a palavra ao gesto
Seus dotes tanto exaltou...
Que a moça deixando o cantaro
Com presteza se esgueirou.

Foi em dias de Janeiro
Calmosos como elles são ;
A virgem soffreu a sêde...
Mas aprendeu a lição ! !...

MORALIDADE

Quem attende o lisongeiro
Quer o seu tempo perder ;
Quem retribue a lisonja,
E' tolo, não tem que ver.

E' mais facil mudar-se o oceano,
Sobre a pedra a semente germinar
Do que honesto ser o lisongeiro
Ou feliz quem no falso acreditar.

DR. LUIZ CARDOSO

X

Na idade de 3 annos gosta-se da mãe,
na de 6 gosta-se do pai, na de 10 de rir e
brincar, na de 16 de modas, na de 20 gos-
ta-se de namorar, na de 25 de casar, na
de 40 gosta-se da mulher, e na de 60 não
gosta a gente senão de si.

X

Um sujeito que tinha duas filhas, per-
guntou-lhes um dia se queriam casar.

— Eu casar ! respondeu a mais velha,
libera nos, domine.

— Ai, não acredite, meu pai ; acudiu a
mais velha ; a respeito de casar, *te roga-*
mos, audi nos.

X

A decifração das charadas do n. 13 é :
Parcella, Açucena, Saraiva, Toledo.